

CASA DE REPOUSO: QUALIDADE DE VIDA NA VELHICE

Dilma Azevedo Camacho*

RESUMO

O envelhecimento da população brasileira em ritmo crescente nos últimos anos, certamente aumentará o número de idosos institucionalizados. O conteúdo deste trabalho versa sobre a problemática dos asilos para idosos também conhecidos como casas de repouso ou ILPI (instituição de longa permanência para idosos), mostrando de forma objetiva e clara a trajetória de abandono e segregação por que passam os idosos no Brasil. Assim verificou-se que essas casas de repouso, constituem-se como instituições burocráticas com normas e regulamentos onde a condição asilar em alguns casos pode ser facilmente confundido com um encarceramento, porém para boa parte da população que se utiliza desta forma assistencialista longe do seio familiar e com pouco ou nenhum contato afetivo, estas instituições tornaram-se seus únicos e verdadeiros lares.

Palavras Chave: Idosos. Casas de repouso. Qualidade de vida.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a condição do idoso no Brasil, seus problemas, dificuldades e forma de tratamento, mostrando que a grande maioria dos idosos sofre tanto com o descaso do poder público, da sociedade em geral e também com o abandono familiar. Apesar da existência de políticas públicas de amparo ao idoso, os direitos básicos a saúde, a moradia e ao lazer entre outros ainda não é uma realidade para todos. Vivendo praticamente a margem da sociedade, esta grande massa de ex-produtivos por inúmeros motivos acabam indo parar em instituições para idosos as chamadas ILPI (instituição de longa permanência para idosos), estas instituições privadas ou públicas, tem sido o único destino para milhares de idosos e a qualidade de vida mesmo nestas instituições, está de certa forma condicionada a situação financeira do asilado ou de familiares.

*Graduada em Serviço Social, atuando como Técnica de Enfermagem na FHS.

Com o objetivo de chamar a sociedade e o poder público a um maior comprometimento é salutar observar que a população idosa (pessoas com 60 anos ou mais) vem aumentando ao longo da história mundial, concomitantemente as preocupações com as condições de vida e direitos dessa parcela tão significativa. No Brasil com o aumento da expectativa de vida da população, ocorre também um avanço no contingente populacional de idosos que se insere em uma sociedade capitalista arrolada pelo referencial pautado em uma juventude auto-suficiente e economicamente ativa. Diante disso, a institucionalização do idoso em casas de repouso torna-se cada vez mais frequente. A sociedade, a família e o Poder Público, passam a justificar a internação dos idosos como um ato de proteção, não obstante, é notório que por melhores que sejam as estruturas oferecidas por instituições asilares encontrar-se na condição de interno já se configura um ato de segregação.

É a partir daí que o referente estudo trás como problemática central o questionamento que intitula o presente trabalho: as casas de repouso garantem uma moradia digna ou são cárceres para um grande contingente de idosos que por vários motivos acabam tendo como última alternativa tais instituições? Esse questionamento apresenta-se como ensejo a análise das reais condições de atendimento oferecidas pelas casas de repouso, uma vez que a família, a sociedade, e o Poder Público, têm papel importante no resgate à dignidade humana de cada ser.

Com o intuito de conhecer essa realidade, a presente pesquisa tem como objetivos específicos: explicitar as justificativas para a internação dos idosos, identificar as práticas e procedimentos adotados pelo acolhimento realizado nas instituições asilares, examinar as ações do poder público no tocante as legislações específicas para idosos, e analisar os limites e as consequências da internação asilar na vida de cada idoso. Para mensurar a qualidade do atendimento que as instituições asilares oferece bem como os reais motivos que levam os idosos a estas instituições, utilizou-se um apanhado teórico, confrontando-o com autores que tratam do tema consoante a legislações específicas. Inicialmente, far-se-á uma retrospectiva, trilhando os caminhos do surgimento das casas de repouso no Brasil e no mundo, e os principais pontos de culminância da história do idoso no Brasil, até os dias atuais.

2 PERCURSSO HISTÓRICO DOS IDOSOS NO BRASIL

Todo o pensamento pode ser trampolim da cultura; de fato, se nossos pais, nossos avós conheceram uma atualidade e transmitiram a atualidade da época, eles protegeram para nós a raiz mesma de nossa vida, a que nos ajuda no conhecimento atual do mundo. Permitam-me uma fórmula: julgar um passado é criar um presente.

Louis Bourgeois

Para falar das condições de acolhimento das casas de repouso que abrigam idosos, faz-se necessário recorrer a questões históricas que determinam o surgimento do conceito de velhice no Brasil. Entendendo que a existência e a história dos asilos no Brasil relacionam-se diretamente com a história da velhice.

Desta maneira, pode-se inferir que atualmente a expressão velhice vem paulatinamente sendo substituída pelo termo terceira idade. O traço marcante nesse processo não é só de nomenclatura, mais todos os estereótipos que acompanham essas palavras, os idosos deixam de ser aquela população que necessita de abrigo, para tornar-se portadores de direitos reconhecidos por lei e que assegura para essa parcela crescente da população os direitos essenciais para o seu desenvolvimento humano.

Mas nem sempre foi assim, vistos como incapazes e improdutivos dependentes assim da caridade das pessoas, muitos idosos com baixas condições econômicas passavam seus dias mendigando nas ruas. Recorrendo a questões históricas, que especificam a situação dos idosos no Brasil, encontra-se a exclusão como característica inicial.

À medida que os portugueses instalavam seus planos de colonização no Brasil, para conquistar a população nativa, várias práticas assistencialistas foram sendo implantadas. Como por exemplo, as Santas Casas de Misericórdia, no intuito de prestar um trabalho de benemerência à população marginalizada. Ao longo do século XIX a assistência à pobreza foi sendo combatida com a criação de vários ambientes no modelo da Santa Casa de Misericórdia, aumentando na segunda metade desse século em virtude da migração constante para o Brasil.

Como explicita Adorno (1985, p. 53):

Em São Paulo, desde o período colonial, já haviam sido fundados o Convento do Carmo (1591), o Mosteiro de São Bento (1598), o Convento de São Francisco (1640), o Recolhimento de Santa Tereza (1685), o Convento da Luz (1774). Os franciscanos fundaram uma Casa Santa, na Rua do Riachuelo, na qual forneciam diariamente refeições aos pobres, segundo relata Sant'Ána. O objetivo destas obras não era somente prestar socorro material e espiritual aos necessitados; porém, sobretudo, constituir uma verdadeira legião de repaganizadores da sociedade. Repaganizar a sociedade significa reclamar amparo a iniciativa privada.

É salutar observar que, os idosos eram vistos da mesma forma que os mendigos e os loucos, categoria estas que incapacitadas para o trabalho, dependiam da caridade cristã, através das instituições assistenciais e da igreja. Os idosos ainda não se apresentavam como uma faixa etária que precisam de cuidados diferenciados.

Não existia nenhuma apreensão em separar e distribuir as pessoas assistidas, ou seja, inválidos, velhos, doentes vítimas de enfermidades curáveis e incuráveis, além de loucos eram atendidos no mesmo ambiente. Tratados como mendigos essas pessoas necessitavam do altruísmo cristão que durante um longo período direcionou as obras sociais.

A compreensão de pobreza começa a se distanciar dos aspectos morais e religiosos, no decorrer do século XIX, mais precisamente na segunda metade desse século, quando a instituição da medicina social torna-se cada vez mais concreta e o discurso filantrópico mais atuante. A pobreza então passa a ser entendida como um fato econômico, que precisa ser direcionado por um projeto civilizador organizado pelo higienismo, onde o mesmo passa a criticar a forma como a caridade vem conduzindo a população indigente.

Nesse contexto, não apenas a estrutura das cidades será modificada pelos higienistas, mas todo o modo de vida da classe pobre que concebia uma ameaça a salubridade das cidades. Para isso, foi fundada em 1854, o Asilo de Mendicidade, que recolhiam os mendigos e organizava-os de acordo com alguns critérios como: desamparados, ociosos menores de 14 anos, os velhos e incapazes e os alienados.

2.1 RECONHECIMENTO DA VELHICE NO BRASIL

Sendo dirigido por um médico, o Asilo de Mendicidade, buscava não misturar as patologias, o sexo e as idades, pois essa composição era combatida pelo higienismo que tinha como foco principal organizar os ambientes das instituições para que os pacientes fossem colocados mediante suas características e patologias.

Todas as ações de categorização e repressão da população de rua se energizaram com a chegada da República, período esse em que a velhice indigente passa a ser separada da mendicância e merecedora de uma assistência diferenciada. Esse fato torna-se claro quando em 1884 a Santa Casa de Misericórdia, designou uma ala para receber as velhinhas desamparadas que já se encontravam internadas. A partir desse momento a velhice começa a se separar da pobreza.

É salutar observar que as faixas etárias foram sendo divididas entre o século XIX e XX. A distinção da velhice desamparada das outras categorias sociais vem embasada no ideário da filantropia higiênica que busca ao passar do tempo uma especialização no atendimento da população. Nesse sentido, Schirrmacher (2005, p.79) retoma a noção de que:

Deveríamos reconhecer que as teorias sobre o envelhecimento têm pouco a nos dizer, exatamente porque elas interpretam o envelhecimento sob a perspectiva de sociedades recentes, nas quais envelhecer era uma anomalia e uma experiência só de poucos.

Por sua vez, toda a população pobre passa a ser classificada e separada segundo suas características, as crianças iam para os asilos de órfãos, os loucos eram encaminhados para o Hospício Nacional e a população mais velha para os asilos de velhos. Desta maneira pode-se inferir que o asilo inicialmente passa a ser o local principal para o reconhecimento do conceito social da velhice.

O fato é que a descoberta da velhice e seu processo de institucionalização deixam de ser um ato apenas de caridade e inicia o século XX como uma assistência a própria velhice. No decorrer das primeiras décadas desse século,

várias medidas de atendimento da população idosa começaram a ser disseminadas, em resposta ao crescente abandono desse segmento populacional.

3 O SURGIMENTO DAS CASAS DE REPOUSO

Apesar do surgimento de instituições para idosos não ser recente, sua relevante visibilidade social pode-se afirmar que é. Com o aumento cada vez mais expressivo da população idosa, passou a ser mais presente o imperativo de discutir os direitos desse grupo. Desta forma, a velhice não poderia ser compreendida senão em sua totalidade; ela não é somente um fato biológico, mas também um fato cultural. (BEAUVOIR, 1990, p. 20).

Vale lembrar, entretanto, que apesar de não existir uma cronologia concreta do aparecimento de instituições específicas para o cuidado com o idoso, concomitante as mudanças de ordem política e econômica que vinham acontecendo, é fundado em 1890, no Rio de Janeiro, o Asilo São Luiz destinado a atender a velhice desamparada da época. Toda evolução do asilo foi acompanhado pelos jornais que mostravam para a sociedade o novo local onde a velhice era acolhida com respeito, chamando-a para colaborar com a instituição.

Na definição de Souza (2002, p.208):

Responsáveis, em grande parte, pela formação de uma opinião pública e de um imaginário social, a imprensa poderia afirmar a necessária postura de positividade em relação ao idoso para que este fosse reconhecido como produtivo, capaz, experiente, mas também como portador de necessidades específicas e, sobretudo, digno de respeito como pessoa e como cidadão.

A institucionalização dos idosos começa com o caráter de caridade baseado na filantropia e marca o início de uma nova fase para a velhice. Cada vez mais, esse grupo ganha espaço na mídia, gerando uma mudança na forma de sua representação. A velhice que movimentava a atenção de poucos, em virtude do seu crescimento, agora é vista como um novo problema social, de modo que, passa a ser foco de interesse público e fonte de estudos para a geriatria e a gerontologia.

Schirrmacher (2005, p.16) esclarece que:

Todas as culturas conheceram a juventude, porque todo mundo já foi jovem um dia, mas poucos conheceram a velhice. A velhice é na história das culturas e da evolução de nossa sociedade algo muito novo: sempre foi uma improbabilidade de vida e uma experiência de uma minoria. As pesquisas nesse campo não têm nem 50 anos, é uma área que foi até hoje pouco explorada.

Em meados do século XX, a velhice não era bem recebida pela sociedade, pois com ela vinham às doenças e a dependência, gerando assim o aumento no número de asilos que passaram a cobrar pelos serviços de atendimento a essa crescente parcela da população.

No transcorrer desse século, os asilos perdem cada vez mais visibilidade, voltando a ser foco da mídia devido as notícias de maus tratos que indignam a sociedade, que passa então a exigir do Poder Público um posicionamento diante do desrespeito sofrido pelos idosos naquela época.

É importante ressaltar que o conceito de velhice estar diretamente relacionado com a institucionalização desse grupo. O surgimento dos asilos traz consigo vários simbolismos entre eles o reconhecimento da velhice. E dos desafios que nasceu com a gerontologia, como afirma SOUZA (2003, p.68) consta “a interação entre diferentes linguagens científicas para construção de uma linguagem partilhada sobre o envelhecimento [...] acessível para levar o conhecimento até a população”.

4 A REALIDADE DA INSTITUCIONALIZAÇÃO DO IDOSO

Segundo dados da ONU, o Brasil é o sexto país do mundo em aumento da população idosa. A expectativa de vida dos brasileiros ao nascer, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2000, é de 72,6 anos para mulheres e 64,8 para os homens. (Biblioteca virtual em saúde site).

Com base nesse censo, os idosos já são hoje 14,5 milhões de pessoas, formando assim o percentual de 8,6 % da população total do país. O IBGE considera idosa a pessoa com 60 anos ou mais, sendo mesmo limite adotado pela

Organização Mundial da Saúde (OMS) para os países em desenvolvimento. Em uma década o número de idosos no Brasil cresceu 17%, em 1991 o número de idosos correspondia a 7,3% da população.

Com o crescimento da população idosa também conhecida como terceira idade cresce concomitantemente o número de instituições assistencialistas, as chamadas casas de repouso. Como sendo uma medida de resposta a curto prazo, pois o Brasil não preparado para os problemas decorrentes do envelhecimento encontra no internamento uma solução para políticas governamentais ineficazes.

Entendendo a importância da criação das leis de amparo ao idoso como um avanço fundamental para uma mudança de visão social relacionada à velhice, não se pode negar que pouco tem sido feito para assegurar os direitos garantidos pela lei. Ainda é tímida a atuação do governo no intuito de efetivar a legislação direcionada a população idosa. Tanto quanto, o caráter assistencialista que as instituições particulares de atendimento ao idoso ainda insistem em oferecer ocasionando um afastamento cada vez mais presente do idoso com a sociedade que o cerca.

Diante de uma sociedade obrigada a viver com um ritmo de vida muito acelerado, o que ocasionou em uma não preparação para a velhice, com forte marginalização dos idosos que dificultam suas atividades. Por sua vez, muitos idosos são desagregados de suas famílias e por vários fatores alocados em asilos, casas de repouso ou até mesmo abandonados. Na definição de Schirrmacher (2005, p.16) “Os preconceitos contra idosos e pessoas em envelhecimento são uma terrível fatalidade em nossa sociedade e em nossa vida”.

É nesse prisma, que a institucionalização do idoso pode ser vista como um rompimento com os laços sociais. Pois ao ser alocado nos asilos, eles passam a ser vistos como consumidores desse serviço que tem como principais funções oferecer as necessidades básicas de quem o procura, como: acolhida, alimento, sanidade e cuidados médicos. São com esses objetivos que as casas de repouso se propagam em todo o país, retirando de forma paulatina a originalidade, ação de raciocínio e criatividade que são únicas em cada indivíduo.

Apesar do poder de adaptação que os indivíduos possuem naturalmente, a entrada de um idoso no asilo seria como acalmar o potencial humano de viver, já que muitas instituições esquecessem a importância de um trabalho verdadeiramente social com os idosos.

No dizer de Beauvoir (1990, p. 289) "Inativo, reduzido a condição de objeto, o objeto asilado se torna rapidamente senil. A vida em comum é muito mal suportada pela maioria dos idosos. No interior dos asilos aceleram-se todos os processos patológicos o que está sujeita à velhice".

Não se pode negar a existência de instituições preocupadas em oferecer uma moradia digna à população usuária de seus serviços. À proporção que existem várias entidades que possuem suas ações dentro da legalidade, oferecendo um atendimento adequado, outras infelizmente funcionam apenas como um depósito de idosos são locais inadequados, onde os idosos sobrevivem em péssimas condições.

Vale ressaltar, entretanto, que o idoso ao entrar no asilo, começa a sua retirada da vida social, ficando encarcerados em locais onde a sua condição de segregado não seja exposta. A sociedade historicamente vem construindo esse modelo de aprisionamento, alimentados por políticas governamentais como a Política Nacional do Idoso e o Estatuto do Idoso que apenas ficam no papel e não atinge o objetivo de produzir condições adequadas de vida a significativa população idosa que ao longo da história brasileira vê-se encarcerada pela sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Historicamente, pode-se afirmar que o envelhecimento é um fato antigo, não obstante a atenção para as reais necessidades dessa crescente parcela da população é recente. A prolixa tradição de exclusão do cidadão mais velho vem passando por algumas mudanças, não apenas de nomenclatura, mas a terceira idade atualmente cresce saudável e almejando ser inserida de forma ativa na sociedade.

Dessa forma, ficou claro com o referente trabalho, como o conceito de velhice está intimamente ligado as casas de repouso. Foram nessas instituições, hoje denominadas de Instituições de Longa Permanência, que o idoso passa a ser foco de políticas públicas que apesar de um caráter imediatista, foram ao longo da história chamando a família, o Poder Público e a sociedade em geral para que adquirisse a sua responsabilidade com relação ao bem estar à população que vem envelhecendo.

E uma das alternativas encontradas foi a institucionalização cada vez mais frequente de idosos, que por muitos motivos foram e são inseridos em casas de repouso ,o envelhecimento fragiliza o ser tornando-o indefeso, impotente e improdutivo, não só devido à perda da capacidade funcional fisiológica, mas também pelas consequências de sua própria vida motivo pelo qual tem sido desvalorizado pela sociedade, muitas vezes taxados como incômodos, o processo de afastamento começa pela família e depois dar-se uma exclusão total da sociedade que prima cada vez mais por pessoas ativas e produtivas.

As casas de repouso então se propagam como um mal necessário e única alternativa para essa face rejeitada, que passa a ter os asilos como último refúgio. Dessa forma, as casas de repouso tornam-se verdadeiros cárceres ao oferecer o mínimo possível à velhice brasileira que sofre com a indiferença, restando-lhe apenas seu confinamento nas instituições asilares.

Vale lembrar que a qualidade de vida dos idosos depende da atenção oferecida pela sociedade como um todo. Pois não basta proporcionar um lugar para morar, as casas de repouso precisam se especializar no atendimento dessa população que trazem para os asilos uma carga de dor e sofrimento ocasionada pelas rupturas que ocorreram até a sua institucionalização.

Retomando a pergunta que intitula o referente trabalho, não é difícil concluir que as casas de repouso, com raras exceções, ainda estão longe de se tornarem moradias dignas. As legislações específicas para os idosos foram um avanço de

fundamental importância ao formular um novo paradigma, agora é preciso unir forças para enraizá-lo no seio da sociedade.

HOME FROM HOME: QUALITY OF LIFE IN OLD AGE

ABSTRACT

The aging of the population at an increasing rate in recent years, will certainly increase the number of institutionalized elderly. The contents of this paper discusses the issue of nursing homes also known as nursing homes or ILPI (institution for the aged), showing an objective and clearly the trajectory of neglect and segregation experienced by the elderly in Brazil. Thus it was found that these nursing homes, constitute themselves as bureaucratic institutions with rules and regulations where the condition asylum in some cases can be easily confused with an imprisonment, but for much of the population that uses this paternalistic way away from the breast family and with little or no emotional contact, these institutions have become their only true home.

Keywords: Seniors. Nursing homes. Quality of life.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Sérgio; PUGLIESI, Myriam Mesquita. **A Pobreza Colonizada**. São Paulo: Cortez, 1985.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

SCHIRRMACHER, Frank. **A revolução dos idosos: o que muda no mundo com o aumento da população mais velha**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

SOUZA, Caroline Marques de Azevedo. **Envelhecimento: a necessidade de uma abordagem interdisciplinar**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

SOUZA, E.R. et al. O idoso sob o olhar do outro. In: MINAYO, M.C.S; COIMBRA Jr.C.E.A.(Org.). Antropologia, saúde e envelhecimento. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002, p. 191-209.